

# LADY CHATTERLEY

um filme de Pascale Ferran

com Marina Hands, Jean-Louis Coulloc'h, Hippolyte Girardot

*Lady Chatterley* | 2h 48min | M/16 | 2006 | Drama | França, Bélgica | Cópia 35 MM

**Prémios César 2007** – Melhor Filme, Melhor Actriz (Mariana Hands),  
Melhor Argumento Adaptado, Melhor Fotografia, Melhor Figurinos

**4º lugar nos dez melhores filmes de 2006 (Cahiers du Cinéma)**

No castelo dos Chatterley, Constance vive dias monótonos, cismada no seu casamento no sentido do dever. Primavera, no coração da floresta de Wragby, conhece Parkin, o guarda caça. O filme é a história deles. A narrativa de um encontro, de uma domesticação difícil, de um lento despertar para a sensualidade nela, de um longo retorno à vida para ele. Ou como o amor é um só com a experiência da transformação.



*Lady Chatterley* é um dos filmes mais belos que vimos nos últimos meses, uma pequena maravilha em termos de sensibilidade, inteligência cinematográfica, de um poder de expressão ainda mais forte e admirável [...] O argumento do romance de D. H. Lawrence é bem conhecido: uma senhora de classe média alta tem um caso com seu criado. Mas tal como foi a arte de Lawrence a dar forma à trama e a convertê-la em literatura, é graças à arte alquímica de Ferran que a sinopse se transfigurou no estudo comovente de um casal que se descobre gradualmente. Uma das maiores armas do cinema [...] é o tempo. A cineasta começa por nos introduzir ao quotidiano de Lady Chatterley: o seu marido regressou da Primeira Guerra Mundial impotente; os dias da protagonista passam-se no conforto algo maçador da sua classe, [regendo-se pela] proverbial calma antes da tempestade. No entanto, algumas cenas já antecipam reviravoltas, subtilmente. Quando Mr. Chatterley vai tomar banho, com a ajuda da sua governanta, as *counter-frames* no rosto de Lady Chatterley sugerem uma frustração reprimida. Esta cena de um corpo desaparecido é igualada pela cena do reflexo do seu corpo nu ao espelho. É bastante simples: sob os espartilhos da sua classe social e as convenções sociais do seu tempo, Lady Chatterley sofre por não se poder exultar. O curso da vida da Lady Chatterley e o curso do curso do filme serão virados do avesso quando esta conhece o seu guarda-florestal, um homem robusto e calmo que vive numa cabana nos limites da propriedade. [...] Seis grandes seqüências carnavais pontuam esta viagem em direcção à sensualidade e aos grandes sentimentos, assemelhando-se às seis etapas de uma aprendizagem. [...] Cada uma destas

cenas é filmada respeitando escrupulosamente o tempo, os corpos, os afectos trocados entre estes dois amantes “escandalosos”, muitas vezes em unísono com de natureza omnipresente que parece estar em sintonia com as personagens (o destaque deste panteísmo íntimo será este momento de graça em que os amantes decoram os seus corpos com a flora circundante). Mas, em contraste com estas cenas, Ferran também nos mostra os momentos “ambíguos”. Os confrontos entre Lady Chatterley e o seu marido, a sua comitiva. Os silêncios cheios de palavras não ditas. [...] Ao despertar o seu corpo, Lady Chatterley também põe a sua mente em acção, e através do seu talento, Ferran desvela o que não é tão visível: a evolução interior da personagem, a sua visão cada vez mais crítica e livre do



mondo. [No fundo assistimos ao encontro de] duas classes sociais opostas, dois seres que aprendem a libertar-se de poderosos determinismos [...] o “mundo do amante” acaba por contaminar e depois devorar o “mundo do marido”. [...] Pascale Ferran conseguiu reactivar o nosso desejo de cinema através da radiografia, com a precisão dos sismógrafos mais sensíveis e a atenção dos seres mais sensíveis, o milagre sempre renovado do nascimento de um casal, a ascensão de um desejo, o florescimento de um amor, tudo tendendo para a realização de um filme.

Serge Kaganski, *Les Inrockuptibles*, 2006

## O Amor Livre

A cineasta francesa está precisamente a tentar romper com o que pode ser apelidado de tradição puritana da sexualidade que joga com a súbita quebra da vergonha e das proibições. Aqui, algo mais está em jogo e é construído a partir de uma viagem longa, inteligível e estranhamente luminosa: o nascimento de um casal através de uma reciprocidade feliz. Uma utopia relacional, como Pascale Ferran a descreve: **“Não há uma hierarquia entre o corpo, sentimentos**



**e pensamentos, eles andam sempre juntos, nada de catastrófico acontece entre eles. É a história de um homem que devolve um corpo a uma mulher, e de uma mulher que devolve uma palavra a um homem, estando ambos mais do lado da alegria do que da tragédia que ameaça constantemente a sua existência”.**

[...]

Ferran, mais do que nunca fiel à letra e ao espírito de Lawrence, não filma o triste animal humano depois do amor e não se aproxima do acto sexual como uma anomalia na ordem de representação. Ontem, *Lady Chatterley*, o livro, escandalizava pela sua obscenidade, a sua forma inaudita de erotizar tudo, desde um pedaço de relva até ao cosmos. Hoje, as linhas têm-se movido com a democratização da pornografia, e, no entanto, o poder escandaloso da história permanece. A cineasta, por sua vez, resiste à sua época: “Podemos dizer que existem actualmente duas representações dominantes do desejo no cinema. Uma, que já é um pouco antiquada e possivelmente em declínio, é que quando se chega a uma cena de sexo, o filme muda a sua natureza, através de uma elipse, uma alteração de luz, a chegada da música. É estranho, para o espectador, que até então estava mais a identificar-se com as personagens, ser obrigado a mudar a sua posição, a observá-las simplesmente a fazer sexo. **A outra doxa, a mais próxima da imagem Épinal de Lady Chatterley, inclina-se para os impulsos animais e órfãos, apenas o corpo se expressa, como se o desejo não estivesse ligado aos outros campos da experiência humana.** [...] Queria que Constance e Parkin nunca fossem vistos como um casal fundido, mas sim como dois indivíduos com os quais nos podemos identificar consoante o nosso ponto de vista”.

Didier Péron, *Libération*, 2006

## Sem Concessões

[O sexo é encarado como um] elemento circunstancial de um processo que é físico e emocional ao mesmo tempo, mobilizando o corpo e o espírito e fundindo a vivência da intimidade e o redescobrimto do mundo. Não há concessões nesta proposta. Os planos das flores e das plantas no início da Primavera aparecem quase descontextualizados, isentos, no limite da abstracção. [...] A fisicalidade e a respiração dos encontros sexuais que fazem eco também permeiam cada um dos percursos na floresta. [...] No final, a história acelera o seu ritmo para se entregar como “narracção” e como “cinema”: o relato em voz off, a troca epistolar e a leitura das cartas de frente para a câmara dão conta da viagem de Constance (o eco inevitável de *Jules et Jim* e *Les deux anglaises et le continent*, a memória de Truffaut, assaltam o grande ecrã nesses momentos), enquanto as imagens de uma câmara supostamente amadora visualizam com uma textura de grão acentuado uma experiência assim convertida num parêntesis evocado, em matéria literária, o que para Pascale Ferran é também uma questão de lealdade e honestidade em relação ao romance de onde provém a sua obra.



A ternura dos encontros sexuais, a intensidade dos olhares que os amantes trocam, a sombra insidiosa da diferença de classe, o incessante vaivém entre a perplexidade e a alegria, entre o medo e a dúvida, entre a modéstia e o descaramento, entre a necessidade e o espanto, a rima e o padrão de um filme tão seco como fluido, tão harmonioso como vibrante, que nos interroga e nos move ao mesmo tempo. Um grande feito de uma cineasta essencial.